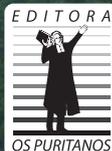


Vendo Jesus

*O Argumento Contra Gravuras do
Senhor Jesus Cristo*

Peter Barnes



THE BANNER OF TRUTH TRUST
3 Murrayfield Road, Edinburgh EH126EL
P.O Box 621, Carlisle, Pennsylvania 17013, USA

Copyright © The Banner of Truth Trust 1990
Originally published in English under the title Seeing Jesus
By The Banner of Truth Trust, Edinburgh EH12 6EL UK
All rights reserved

Vendo Jesus —
O Argumento Contra Gravuras do Senhor Jesus Cristo
Por Peter Barnes

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, sem
autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Editor Responsável
Manoel Sales Canuto
Editoração Eletrônica e Capa:
Heraldo Almeida

SUMÁRIO

<i>VENDO JESUS</i>	4
<i>QUAL É A QUESTÃO?</i>	4
<i>POR QUE NÃO TER GRAVURAS DE CRISTO?</i>	7
<i>O TESTEMUNHO DA IGREJA</i>	13
<i>AS NECESSIDADES DO MOMENTO</i>	19

VENDO JESUS

Na última semana antes da crucificação, alguns gregos vieram a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Eles encontraram Filipe, um dos doze apóstolos, e perguntaram-lhe: “Senhor, nós desejamos ver Jesus” (João 12:20-21). Jesus respondeu, não permitindo-lhes uma visão mais próxima de Sua aparência física, mas pronunciando um discurso sobre o significado da Sua morte e a necessidade de morrer a fim de ter vida (ver João 12:13). Hoje a solicitação dos inquiridores gregos tem tomado um significado mais literal e menos desejável, e a resposta da Igreja tem se afastado daquela dada pelo seu Senhor. Mesmo nas igrejas que traçam sua herança espiritual até a Reforma, tem havido uma difundida aceitação de representações ilustradas com gravuras de Cristo. Há filmes que representam Cristo, quadros que O retratam, ilustrações dEle em livros e uma crescente tolerância de estátuas e imagens.

QUAL É A QUESTÃO?

Respondendo a esta situação devemos, em primeira instância, considerar a base sobre a qual a questão a favor ou contra gravuras de Cristo está para ser decidida. Esta é uma daquelas questões que a Escritura nos permite resolver em termos de utilidade? Quer dizer, temos simplesmente que perguntar até onde gravuras de Cristo podem ser julgadas úteis e proveitosas? Ou estamos nos defrontando com um relevante princípio bíblico que exclui qualquer justificativa por considerações baseadas em

utilidade? Há uma boa razão para crer que a Bíblia nos oferece um princípio claro que é muitíssimo relevante para a questão que estamos discutindo. Ele se encontra no segundo mandamento que declara: *“Não farás para ti imagem esculpida ou qualquer semelhança de qualquer coisa que está em cima no céu ou embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra; não te encurvarás a elas nem as adorarás. Porque Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, porém mostro misericórdia para milhares, àqueles que me amam e guardam Meus mandamentos”* (Êxodo 20:4-6; ver Deuteronômio 5:8-10).

A Bíblia inteira tropeja a mesma mensagem — não apenas os falsos deuses não devem ser adorados, mas o Deus verdadeiro não deve ser adorado através de imagens (e.g. Levítico 26:1; Salmo 115:1-8; Isaías 2:8; 40:18-20; 41:21-29; 46:5-7; Oséias 13:2; Amós 5:26-27; Atos 17:24-25, 29; Romanos 1:22-25; 1 João 5:21). Algumas das censuras mais severas dos profetas são reservadas para descrever a loucura daqueles que cortam árvores e usam parte do tronco para cozinhar uma refeição e para se manterem aquecidos, enquanto a outra parte é esculpida na forma de um deus e adorada (Isaías 44:9-20). Imagens são inúteis — elas têm de ser pregadas para que não desmoronem; elas não podem falar, ouvir ou mover-se; e são incapazes de fazer bem ou mal (Jeremias 1-5); o Deus vivo e verdadeiro, em contraste, não pode ser representado em forma de gravuras.

Desde que Deus é Espírito (João 4:24) e conseqüentemente invisível (1 Timóteo 1:17), uma representação física dEle é impossível. Por isso é que Moisés advertiu

os israelitas: “*Acautelai-vos; pois não vistes qualquer forma quando o Senhor vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não venhas a agir corruptamente e façais para vós uma imagem esculpida na forma de qualquer figura: na semelhança de macho ou fêmea, na figura de qualquer animal que está na terra ou figura de qualquer ave que voa pelos céus, na figura de qualquer coisa que rasteja sobre o solo ou na figura de qualquer peixe que está na água debaixo da terra*” (Deuteronômio 4:15-18).

Desde que Deus é trino, isto significa logicamente que não devemos retratar o Pai nem o Filho nem o Espírito Santo. Cristãos que não aceitam a relevância do segundo mandamento para este caso, tendem apenas a retratar o Filho, o Senhor Jesus Cristo. Eles assim fazem fundamentados em que foi Ele quem revestiu-se de humanidade e tornou-se carne e que é apenas como homem que Ele está sendo representado. Responderemos este argumento num momento. Será afirmado que é um argumento equivocado, porém a sinceridade daqueles que o propõem não está em discussão. Aceitamos que a representação gráfica de Cristo em forma visível é feita freqüentemente por bons motivos, às vezes até com zelo evangelístico. Não fomos convocados para julgar os motivos dos colegas cristãos, mas nós somos solicitados a julgar todos os argumentos da Escritura.

POR QUE NÃO TER GRAVURAS DE CRISTO?

1. TODOS OS RETRATOS DE CRISTO SÃO INEVITAVELMENTE IMPRECISOS E DEPENDENTES DA IMAGINAÇÃO.

Uma das mais extraordinárias características da Bíblia é que ambos os Testamentos testificam de Cristo (João 5:39); contudo, eles não fornecem descrições dEle. Apenas duas tênues alusões são dadas quanto à aparência física de Cristo. A primeira se encontra na profecia de Isaías: *“Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz duma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse”* (Isaías 53:2). Tudo o que podemos deduzir disto é que parece não haver nada de majestoso ou admirável na aparência física do Verbo encarnado.¹

A segunda alusão se encontra na polêmica entre Jesus e os judeus. Nosso Senhor declarou para os judeus: *“Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se”* (João 8:56). Com isto os judeus ficaram atônitos e replicaram: *“Ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão?”* (João 8:57). Em Sua humanidade, Cristo tinha apenas pouco mais que trinta anos de idade (Lucas 3:23), mas aparentemente Seu estilo de vida — não tendo um lugar onde reclinar Sua cabeça (Mateus 8:20) e trabalhando duramente para proclamar o reino de Deus em meio a muita incompreensão e oposição (Mc 3:20-21; 6:31-34) — o tinha envelhecido prematuramente.

¹ Talvez seja também instrutivo notar que o Apóstolo Paulo não era fisicamente uma figura imponente (Ver 2 Coríntios 10.10).

De qualquer forma, estas duas alusões — de maneira alguma são descrições, antes são apenas leves idéias que temos da aparência física de Cristo. Sob a inspiração do Espírito Santo, os apóstolos simplesmente não houveram por bem descrever o Senhor para nós. Isto está de acordo com a declaração de Jesus para Tomé: “*Bem-aventurados os que não viram, e creram*” (João 20:29). O apóstolo Pedro também garante que a maioria dos cristãos, mesmo no primeiro século, não tinha visto Cristo (1 Pedro 1:8). O ponto permanece: Cristo veio na carne, porém nós não temos uma idéia de como Ele era. O Espírito Santo não nos disse se Cristo era baixo ou alto; forte ou delgado, com olhos azuis ou castanhos, cabelo escuro ou claro; tais coisas não estão contadas entre aquelas necessárias para fazer-nos “*sábios para a salvação*”.

Desta maneira é incontestável que todas as gravuras de Cristo são imprecisas e que não temos meios para saber o quanto são imprecisas. Um mestre como El Greco pintou a purificação do templo por Cristo de um modo que retrata brilhantemente a intensidade do Senhor, singularidade de propósito e poder santo. Contudo, quão autêntico isto é? Não temos qualquer modo de saber. É bastante difícil retratar caracteres modernos de um modo visível. Recentemente, Kathyne Lindskoog reclamou que o filme “Shadowlands” (Terras Sombrias) transformou C.S. Lewis numa figura suave de vovô, de olhos azuis com uma fé experimental e Joy Davidman numa luminosidade bela e refinada mulher de sensibilidade irresistível e radiante.² Contudo, “Shadowlands” foi exibido na televisão americana em 1986, exatamente vinte e três anos após a morte de C. S Lewis! Com Cristo, uma tarefa que é sempre difícil, torna-se impossível.

² K. Lindskoog, *The C. S. Lewis Hoax*, Multnomah, Oregon, 1988, p. 94.

Muitos cristãos argumentam que não importa, podemos desenhar Cristo independente do resultado ser preciso ou não. Porém, seria estranho se uma esposa, quando seu marido estivesse fora, olhasse continuamente para a fotografia de um outro homem e afirmasse que não tinha importância porque ela estava pensando no seu esposo.

O Papa Gregório, o Grande (c.540-604) e João de Damasceno (c.575-749), ambos defenderam as imagens, justificando que elas são os livros dos analfabetos. Nas palavras de João Damasceno: “O que um livro é para o literato, uma figura é para o iletrado. A imagem fala à vista como as palavras ao ouvido: ela nos traz compreensão”.³ Uma variação deste argumento é ouvido frequentemente hoje a fim de defender o uso de gravuras e filmes de Jesus. Porém, seguramente é válido perguntar se a causa da verdade pode ser servida pela falsidade e pelo fingimento.

2. GRAVURAS DE CRISTO NÃO SÃO APENAS INEXATAS, MAS SÃO UM MEIO DE INTRODUIR MUITOS ERROS REFERENTES A ELE.

Quando homens começam a retratar Cristo é quase inevitável a tendência de recriá-lo à sua própria imagem. Quando Adolf Von Harnack procurou remover o elemento sobrenatural da vida de Cristo deixando o que se tornou conhecido como o protestantismo liberal, o católico romano George Tyrrell fez a notável crítica: “O Cristo que Harnack vê, olhando em retrospectiva através dos dezoito séculos de escuridão católica é apenas o reflexo de uma face liberal protestante vista ao fundo de um poço”.⁴ Ao próprio Tyrrell foi difícil evitar o mesmo erro — uma indicação da verdade que está ciente de um perigo não

³ Citado em N. Baynes, ‘Idolatry and the Early Church’ in *Byzantine Studies and Other Essays*, Greenwood Press, Connecticut, 1955, p. 136.

⁴ Citado em I. H. Marshall, *I Believe in the Historical Jesus*, Hodder & Stoughton, London, 1977, p. 113.

é o mesmo que evitá-lo. Cada gravura de Cristo reflete esta tendência de recriar Cristo à imagem do artista e sua cultura. Daí é que encontramos o Cristo bizantino, o Cristo anglo-saxônico, o Cristo africano, o Cristo hippy, e por aí a fora — mas, nenhum deles é o Cristo autêntico. “A luz do Mundo” de Holman Hunt não é exceção.

3) GRAVURAS DE CRISTO INEVITAVELMENTE O DESONRAM.

Chegamos agora ao ponto mais sério de todos e aquele que responde o argumento que é justificável representar a natureza humana de Cristo. **Gravuras de Cristo inevitavelmente o desonram.** Pense novamente no segundo mandamento. A fim de que alguém não diga: “Fazemos imagem de Cristo não para adorá-lo, mas apenas para devoções ou auxílio ao nosso entendimento, para uso no ensino e não para adoração — o mandamento proíbe não apenas a adoração de imagens, mas também o fabricá-las. Esta proibição devastadora está baseada na verdade que **todas** as representações de Deus O desonram. Isto é igualmente verdadeiro para a pessoa de Cristo. Os artistas não podem retratar Cristo na Glória total da Sua deidade, assim são geralmente forçados a tentar retratá-lo na submissão da Sua humanidade. Eles não podem tentar pintar o céu, assim limitam-se à terra. Eles deixam de lado o Cristo exaltado cuja glória cegou Saulo de Tarso na estrada de Damasco e a cujos pés o apóstolo João caiu “como morto” (Atos 9.3-9; Apocalipse 1.17) e eles restringiram-se a conjecturas quanto à Sua forma humana. A Escritura porém, não permite a separação das duas naturezas de Cristo. Mesmo no período da Sua humilhação, agora passado para sempre, foi o fato de que Ele é Deus que fez dEle o Salvador. Aqueles que retratam Cristo na forma visível devem, como disse Thomas Watson, retratar

um “meio Cristo”.⁵ E se nós vemos Cristo apenas como um homem, nós temos perdido a estupenda verdade do coração do evangelho:

*“Velada na carne vede a Trindade!
Saudai a encarnada Deidade!”*

De acordo com a Escritura há um aspecto de Cristo que é necessário para a salvação. Não é apenas o da Sua humanidade, mas o da glória da Sua pessoa divina; “De fato a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna” (João 6.40). Este aspecto salvífico de Cristo capacitou Seus discípulos a dizerem: “Nós contemplamos Sua glória”, e é o mesmo aspecto, oculto do mundo, que é dado aos verdadeiros crentes hoje (João 14.19).

Excluindo a natureza divina do Senhor Jesus Cristo, os artistas O retratam tão infinitamente inferior ao que Ele era nos dias da Sua carne, quanto ao que Ele é hoje em Sua exaltação (2 Co 5:16- NE). Por conseguinte, eles nos condicionam a pensar dEle na exata maneira que o segundo mandamento tenciona excluir. As gravuras inevitavelmente lhe tiram Sua divina glória, Elas representam Deus, o Filho, incomparavelmente inferior ao que Ele realmente é. Amy Carmichael disse uma vez às suas crianças órfãs em Dohnavur, como ele veio a aprender isto e como o orfanato renunciou uma prática que era então “quase universal” entre irmãos missionários na Índia: “Quando os convertidos eram presenteados, descobríamos que, a menos que fossem ensinados a fazê-lo, eles não queriam gravuras do Senhor Jesus Cristo. E você, que

⁵ T. Watson: The Ten Commandments, Banner of Truth, Edinburgh, re-editado, 1976, p. 62.

foi educado sem elas sabe, quando acontece vê-las, quão muitíssimo menos belas tais gravuras são do que aquelas que o Espírito Santo tem lhe mostrado. Jamais esqueceu o desapontamento de um de vocês quando alguém lhe enviou um belo quadrinho do nosso Senhor quando Criança no Templo. Eu recordo as lágrimas de desapontamento quando o cordão foi desatado, os envoltórios tirados e o quadro tirado da sua caixa — ‘Eu pensava que Ele era infinitamente mais bonito do que isto!’ Podemos seguramente deixar o bendito Espírito mostrar às pessoas a quem falamos, algo ‘infinitamente mais bonito do que isto’⁶.

John Owen fez o mesmo, numa linguagem mais teológica. Depois de falar minuciosamente sobre a glória de Cristo — “glória de tipo e natureza absolutamente diferente daquela de qualquer outra criatura, seja qual for” — ele acrescenta: “Podemos ver daí a *vaidade* tanto quanto a *idolatria* dos que representam Cristo em glória como objeto da nossa adoração, em gravuras e imagens. Eles dão forma à madeira ou pedra na semelhança de um homem. Eles a ornamentam com cores e floreios de arte, para apresentá-la aos sentidos e às fantasias de pessoas supersticiosas como tendo uma aparência de glória. E quando terminam, ‘esbanjam o ouro da bolsa’, como fala o profeta... e assim a expõem como uma imagem ou semelhança de Cristo em glória. Porém, o que há nele para que se lhe tenha a mínima reverência — a mínima semelhança da glória? Pelo contrário, não é o meio mais

⁶ F. Houghton: Amy Carmichael of Dohnavur, S.P.C.K., 1959, p. 61. Carmichael diz que suas dúvidas à respeito do uso de gravuras de Cristo começou no Japão quando ela ouviu uma garota japonesa descrevê-las como mostrando seu Deus. Mais tarde sua anfitriã, apontando para uma gravura famosa de Cristo coroado com espinhos, “disse que ele estava sentindo que ‘para o Pai, gravuras do Seu Filho não são boas’”.

eficiente que pode ser obtido para desviar as mentes dos homens da real e verdadeira compreensão dela? A imagem ensina algo da substância da natureza humana de Cristo na pessoa do Filho de Deus? Pelo contrário, não apaga ela todos os pensamentos disto? O que é representado, por esse meio, da união dela para Deus e da comunicação imediata de Deus para ela? Declara ela a manifestação de todas as propriedades gloriosas da divina natureza nEle? Pessoas que não sabem o que é viver pela fé podem satisfazer-se por um tempo e arruinar-se para sempre, com estas fraudes. Aqueles que têm verdadeira fé em Cristo e amor para Ele, têm um objeto mais glorioso para sua prática”.⁷

Como dissemos no início, o testemunho do segundo mandamento deveria ser suficiente nesta questão. Porém não vamos subestimar a seriedade da distorção ocasionada pelo uso de gravuras como um método de ensino. O erro pode ser muito persistente. Um crente que tem uma gravura de Cristo em sua casa ou em seu local de adoração pode achar-se incapaz de pensar em Cristo exceto em termos daquela gravura. Em tal caso, a gravura não se tornou uma ajuda para devoção ou entendimento mas uma escravidão. Devia ser destruída.

O TESTEMUNHO DA IGREJA

É triste dizer que o testemunho da Igreja não tem sido sempre tão claro quanto deveria sobre esta questão. Todavia muito pode ser aprendido da história. Possivelmente

⁷ J. Owen: Works, Banner of Truth, Endinburgh, re-editado, 1981, vol. I, p. 244.

a referência mais primitiva a gravuras de Cristo vem de Irineu (c.130- c.200), o bispo de Lyon. Irineu conheceu Policarpo em Esmirna (c.99- c.150) o qual conheceu o apóstolo João, não sendo sua obra e seu testemunho muito distante da era apostólica. Em sua obra altamente significativa, *Against Heresies*, Irineu confrontou gnósticos: “Eles também possuem imagens, algumas delas pintadas e outras formadas de espécies diferentes de material; enquanto afirmam que a figura de Cristo foi feita por Pilatos no tempo em que Jesus viveu entre eles”.⁸ Representação de Cristo, pintadas ou esculpidas, eram vistas como peculiaridades gnósticas e resultado de influência pagã.

O próximo autor cristão a ser examinado é o historiador Eusébio de Cesaréia (c.260-c.340). O Imperador Constantino tinha uma irmã, Constância, que pediu a Eusébio um retrato de Cristo. Eusébio respondeu em termos vigorosos: “Tinha ela (i.e. Constância) já visto alguma coisa desse tipo na igreja ou ouvido de alguém sobre tal coisa? Não era, ao contrário, verdade que no mundo inteiro qualquer coisa desse tipo havia sido banida e excluída das igrejas? Não era do conhecimento geral que apenas para os cristãos tais coisas eram proibidas?”⁹ Eusébio lembrou que ele havia tomado de uma mulher gravuras que supostamente representavam Paulo e Cristo, a fim de que o escândalo pudesse ser evitado.

Tal testemunho é ainda mais marcante vindo de Eusébio. Como é sabido, sua atitude para com o Imperador Constantino era respeitosa a ponto de tornar-se bajuladora. Ele retratou Constantino no Concílio de Nicéia “como um celestial mensageiro de Deus”. Para Eusébio,

⁸ Irenaeus: *Against Heresies*, The Ante-Nicene Fathers, ed. by A. Roberts e J. Donaldson, Eerdmans, vol.I, re-edição 1981, I, XXV, 6.

⁹ Citado em N, Baynes *op. cit.*, p. 122.

negar uma solicitação da irmã do Imperador, exigiu uma nova força moral e clareza de convicção. O modo como Eusébio formou sua recusa indica que sua atitude refletiu uma crença largamente firmada na Igreja primitiva. Isto é verificado pelo historiador da arte Michael Gough que escreve: “Muito poucos episódios existem extraídos da vida de Cristo dos tempos pré-Constantinianos, e a Paixão e Crucificação parecem ter sido quase totalmente excluídas”.¹⁰

Contudo, não demorou muito para as atitudes mudarem à medida que o quarto século passou, a Igreja aparentemente veio aceitar mais prontamente imagens de Cristo. Mesmo assim nem todos estavam convictos da retidão da nova e mais ampla visão. Epifânio (c.315-403), o bispo de Salamina (re-nomeada Constância) em Chipre, descreveu em uma carta escrita em 393 de como ele estava viajando na Palestina quando chegou a uma vila chamada Anablatha onde viu uma lamparina ardendo. Ele registrou: “Perguntando que local era aquele e sabendo ser uma igreja, entrei para orar e encontrei uma cortina pendendo nas portas da dita igreja, colorida e bordada. Ela apresentava uma imagem de Cristo ou de um dos santos; não recordei direito de quem era a imagem. Vendo isto e estando aborrecido por estar a imagem de um homem pendurada na igreja de Cristo, contrariando o ensino das Escrituras, eu rasguei-a em pedaços e avisei aos guardiões do lugar para usá-la como mortalha para alguma pessoa pobre”.¹¹

Epifânio continuou a escrever três tratados contra imagens, apelando aos seus colegas bispos e ao Imperador The-

¹⁰ M. Gough: *The Origins of Christian Art*, Praeger, New York, 1973, p. 39.

¹¹ Jerome: *Letters*, the Nicene and Post-Nicene Fathers, ed. By P. Schaff and M. Wace, Eerdmans, vol. VI, re-editado 1979, pp. 88-89

odósio I.¹² Seus rogos foram grandemente mal-sucedidos, porém seu último desejo e testamento revelam suas firmes convicções: “Se alguém ousar, usando a Encarnação como desculpa, olhar para a divina imagem do Deus Verbo, pintada com cores terrenas, seja anátema”.¹³ É interessante que Epifânio mais tarde tenha sido canonizado pela Igreja Romana, sendo o seu dia festivo, o 12 de maio.

A próxima fase no debate veio quando a Igreja oriental foi enredada na Controvérsia Iconoclasta de 725 AD a 483. Em 725 o Imperador Leão III legislou contra adoração de imagens e esta política teve continuidade com Constantino V. O debate foi vigoroso — o Concílio de Hieria apoiou o imperador iconoclasta em 753; o Concílio de Nicéia reverteu isto em 787; mas, uma assembléia de bispos em Santa Sofia restaurou os decretos de Hieria em 815. Em geral, os monges apoiaram o uso de imagens e o seu porta-voz era João de Damasco. Os imperadores por outro lado achavam que as imagens eram um empecilho para a conversão de judeus e muçulmanos.

Nesta época a superstição predominava e foi reivindicada pelos Iconodules (defensores do uso de ícones/imagens) que alguns ícones eram de origem imediatamente divina; eles eram “não feitos por mãos humanas”.¹⁴ Acreditava-se que Lucas tinha enviado para Teófilo não apenas o seu evangelho, mas também o seu retrato da Virgem Maria e abundantes ilustrações da vida de Cristo, desenhadas à medida que os fatos aconteceram.¹⁵ Os imperadores, notadamente Constantino V, não ajudaram

¹² J. Quasten, *Patrology*, vol 3, Westminster, Maryland, 1986, pp.391-3.

¹³ *Ibid.* p. 393

¹⁴ P. Brown: “Uma Crise da Idade Média: Aspectos da Controvérsia Iconoclasta” em *The English Historical Review*, no CCCXLVI, janeiro, 1973, p.7.

¹⁵ *Ibidem* p.8

sua causa condescendendo com brutalidade e imoralidade. Porém no final, a questão foi resolvida, pelo menos para a Igreja Oriental, pela viúva do Imperador Teófilo, Teodora, que restaurou o uso de imagens em 843.

A Igreja Medieval, tanto no Oriente quanto no Ocidente, colocou ênfase crescente numa apresentação visual da Cristandade e foi deixado para a Reforma contradizer isto, restaurando a supremacia da pregação. Calvino rejeitou o uso de qualquer representação ilustrada de Cristo¹⁶ e sua visão foi endossada por todos os Puritanos do século dezessete. A convicção Puritana foi formalizada na Questão 109 do Catecismo maior de Westminster, que pergunta:

“Quais são os pecados proibidos no segundo mandamento?”. A resposta é mais compreensível:

“Os pecados proibidos no segundo mandamento são: o estabelecer, aconselhar, mandar, usar e aprovar de qualquer maneira qualquer culto religioso não instituído por Deus mesmo; **o fazer qualquer representação de Deus, de todas ou de qualquer das três Pessoas** (ênfase nossa), quer interiormente em nosso espírito, quer exteriormente em qualquer forma de imagem ou semelhança de alguma criatura; toda adoração dela, ou de Deus nela ou por meio dela; o fazer qualquer representação de deuses imaginários e todo culto ou serviço a eles pertencentes; todas as invenções supersticiosas, corrompendo o culto de Deus, acrescentando ou tirando desse culto, quer sejam inventadas e adotadas por nós, quer recebidas por tradições de outros, embora sob o título de antigüidade, de costume, de devoção, de boa intenção, ou por qualquer outro pretexto; a simonia, o

¹⁶ J. Calvino: Institutes of the Christian Religion, I, xi, Iff

sacrilégio, toda negligência, desprezo, impedimento e oposição ao culto e ordenanças que Deus instituiu”.

À luz do exposto acima deve-se perguntar: E os que acreditam que Deus tem usado figuras de Cristo para lhes falar? Um exemplo que poderia ser citado é aquele do Conde de von Zinzendorf, o líder dos Morávios no século dezoito. Zinzendorf nos conta que foi afetado profundamente por uma pintura da Crucificação de Cristo que parecia desafiá-lo:

*“Isto eu fiz por ti,
Que fizeste por mim?”.*

Não quero duvidar da realidade da experiência espiritual de Zinzendorf, porém a ação de Deus para abrir seus olhos para a cruz naquele momento não significa Sua aprovação do quadro. Significa apenas que Deus é tão gracioso que ocasionalmente dará bênção mesmo onde o método empregado seja contrário à Sua vontade revelada. Uma outra ilustração do mesmo fato é o uso da chamada ao altar no evangelismo contemporâneo — o método é antibíblico e faz muito mal, mas há casos de cristãos cujo testemunho é que foram convertidos quando caminhavam para frente no apelo feito pelo pregador. Não se deve permitir que tais exemplos obscureçam a questão em jogo. O evangelho de Deus deve ser proclamado à maneira de Deus e de nenhuma outra forma.

Precisamos também lembrar: sustentar que a Escritura é contra o fazer gravuras de Cristo não é o mesmo que dizer que ela é contra a arte e a escultura como tais, ou mesmo arte e escultura religiosa. Foi Deus quem disse para Moisés fazer dois querubins de ouro, um para cada extremidade do propiciatório (Êxodo 20:18-20). Uma

apreciação da arte é totalmente consistente com o princípio exposto neste livreto, como a história pode confirmar. Não nos deveria surpreender a afirmativa do historiador Peter Brown: “Os únicos dois homens na Idade Média que sabemos terem sido profundamente interessados em arte — Imperador Teófilo e o Bispo Theodult de Orleans... — eram Iconoclastas ou pelo menos, anti-Iconodule (ícones/imagens)”¹⁷. Homens que se opuseram ao uso de imagens, contudo, eram grandes apreciadores das artes. Como declarou Calvino no século dezesseis: “...escultura e pintura são dons de Deus”¹⁸.

AS NECESSIDADES DO MOMENTO

As duas grandes necessidades do momento são: uma fé segura e a indispensável divina pregação. Com esta duas veremos a Igreja restaurada; sem ela veremos apenas futuro declínio e decadência.

Aqui na terra caminhamos pela fé, não por vista (2 Co 5:7). Nós não vimos o céu nem vimos Cristo. Contudo os cristãos contemplam, como num espelho a glória do Senhor (2 Coríntios 3:18) e estão ansiosos pela possibilidade de serem como Cristo, “*porque haveremos de vê-lo como ele é*” (1 João 3:2). Porém, este querer acontecerá somente quando cristo for revelado. Nesse meio tempo, os cristãos olham para Cristo e buscam ser conforme a Sua semelhança. No século dezessete, o douto Puritano

¹⁷ P. Brown, *op. cit.*, p. 9.

¹⁸ J. Calvino, *op. cit.*, I, xi, 12. Ver também H.R. Rookmaaker, *Art Needs no Justification*, IVP, Leicester, 1978; e F.A. Schaeffer, *Art and the Bible*, IVP, Illinois, 1973.

John Owen contrastou as duas maneiras de tentar conseguir isto: “Os da Igreja de Roma dizem que isto deve ser feito através da contemplação de crucifixos, com outras imagens e gravuras dEle e isto com os olhos da carne; nós dizemos que é pela contemplação da Sua glória pela fé, como revelado no evangelho e não de outro modo”.¹⁹ Quanto mais gravuras e imagens são usadas, mais nos afastamos do modo bíblico de contemplar Cristo.

A fim de contemplar Cristo nós precisamos de uma clara e fervorosa pregação da Sua Palavra. Quando puniu os gálatas, o apóstolo Paulo escreveu; “*Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?*” (Gálatas 3:1). Paulo não quis dizer que carregava gravuras de Cristo na cruz em favor dos convertidos potenciais. Ao contrário, Paulo se referia a pregação ungida pelo Espírito e assim, tão vívida que cada sermão era uma espécie de retrato verbal. Na paráfrase de Martinho Lutero: “Não existe pintor que com sua cores possa expor tão vivamente Cristo para nós como eu O tenho retratado com a minha pregação; e, ainda assim, vós ainda permanecéis mais miseravelmente fascinados”.²⁰

Este é o elemento que falta na pregação de hoje. Os púlpitos estão cheios de heresias, superficialidades e imprecisões. Desse modo muita pregação contemporânea não tem absolutamente qualquer efeito; nem ofende, nem convence. De modo algum poderiam ser descritos como palavras vívidas, figuras do evangelho da graça. Amy Carmichael afirmou que a Igreja recorre às gravuras de Jesus

¹⁹ J. Owen: Works, vol. 1, p. 393

²⁰ M. Luther: A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians, ed. By P. Watson, James Clarke & Co, Cambridge, re-editado 1972, p. 196

somente quando seu poder desaparece.²¹ Tal alegação tem sobre ela todas as marcas da verdade. No século dezoito George Whitefield declarou: “Eu amo aqueles que trovejam a Palavra. O mundo cristão está num sono profundo! Apenas uma voz estrondosa pode fazê-lo despertar”.²²

Não serão gravuras que reavivarão a Igreja decaída; será a pregação do evangelho com a unção do céu sobre ela. Este é o meio ordenado por Deus para reavivamento; ousamos não esperar bênção de nenhum outro modo.

FIM.

²¹ E. Elliot: *A Chance to Die: The Life and Legacy of Amy Carmichael*, Fleming H. Revell Co., New Jersey, 1987, p. 93.

²² A. Dallimore, *George Whitefield*, vol. 1, Banner of Truth, Edinburgh, 1975, p.400.

Pinturas de Cristo em retratos ou filmes são vistas comumente como úteis ou, o que é o pior, inofensivas. Porém uma longa tradição do tempo dos primitivos Pais da Igreja tem sido contra tais representações. Este livreto dá a base bíblica por trás desta tradição e argumenta que a visão do seu Salvador que os cristãos têm neste mundo pela fé é inteiramente mais gloriosa do que qualquer coisa jamais imaginada por um artista. Olhando para um quadro de Jesus, um órfão na Índia disse uma vez para Amy Carmichael, com desapontamento: “Eu pensei que Ele era infinitamente mais bonito do que isto!”. O autor argumenta que o que a representação está pretendendo realizar pode, de fato, ser feito apenas pelo Espírito Santo. Viver o cristianismo espiritual não carece de quaisquer substitutos.

Peter Barnes, ministro presbiteriano de Nambucca River Charge, New South Wales, é casado e tem cinco filhos. São também escritos por ele e publicados atualmente pela Banner of Truth Trust: *The Milk of the Word* e *Open Your Mouth for the Dumb: Abortion and the Christian*

